



PLANOS LOCAIS PARA A INTEGRAÇÃO DOS CIGANOS (PLICC)

Fonte: Newsletter OBCIG (Observatório das Comunidades Ciganas) de 8 de abril 2022

Desenvolvidos pelo NACI (Núcleo de Apoio às Comunidades Ciganas) do ACM (Alto Comissariado para as Migrações), os PLICC são descritos pela Coordenadora do NACI, Dr^a Maria Horta (MH), como necessários ao conhecimento da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (ENICC) revista em 2018, particularmente pelos municípios. Atualmente os PLICC, financiados pelo Programa da União Europeia de Direitos, Igualdade e Cidadania (2014-2020) (1ª edição) estão em 14 municípios:



Albufeira, Almada, Barcelos, Borba, Castelo Branco, Estremoz, Évora, Figueira da Foz, Matosinhos, Moura, Mourão, Oeiras, Porto e Tomar. Borba e Estremoz desenvolveram planos intermunicipais assim como Moura e Mourão. Os municípios peritos de experiência são Torres Vedras e Seixal. Na 2ª edição são 6, em: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Entroncamento, Marinha Grande, Santarém e Serpa.

Segundo MH: “cremos que começa a existir uma maior cons-

(Continua na pág. 2)

Editorial

LIÇÕES, RECONHECIMENTO

Muitas vezes estas linhas são dedicadas a tantas injustiças que tão frequentemente são cometidas contra as pessoas e as populações ciganas. Hoje queríamos levantar esta voz para condenar os crimes hediondos que foram cometidos em janeiro contra profissionais de saúde no Hospital de Famalicão e particularmente para exortar as Associações de ciganos a atuar e a levantar a voz para que lamentáveis situações como estas não só não se repitam, como não seja possível que o enquadramento em que ocorreram possa voltar a provocá-las. Infelizmente só existe atualmente em Portugal um mediador hospitalar cigano, no Hospital de D. Estefânia em Lisboa. Recentemente, o signatário teve oportunidade de ser telemediador, num dos hospitais mais dramáticos, onde um cigano ia ser submetido

a uma intervenção cirúrgica. Um dos valores mais exemplares da maneira de ser cigana, é o espírito de família que leva as famílias a mobilizarem-se para que o doente não se sinta sozinho: todos acompanham o doente para que este se sinta apoiado. Neste caso, o perigo era grande para o doente e, consequentemente, a ansiedade, justificada, era muita. O que foi necessário fazer, foi explicar que os procedimentos que o hospital seguiu foram, naturalmente, os corretos e que são aplicados em todos os casos semelhantes. Esta explicação foi acatada. Contrariamente à expectativa mais ansiosa, o final foi feliz e o doente regressou curado a casa e aos seus.

Tantas vezes nestas linhas se exortam as autoridades no sentido de implementarem medidas que concretizem na prática as boas intenções dos legisladores dos direitos humanos. É necessário hoje

(Continua na pág. 5)

PLANOS LOCAIS PARA A INTEGRAÇÃO DOS CIGANOS (PLICC)

(Continuação da pág. 1)

ciencialização dos municípios para a duração do processo de inclusão das comunidades ciganas, que não acontece de uma hora para a outra. Por outro lado, também se percebe uma maior necessidade de ter uma resposta multidisciplinar com o envolvimento de todos os atores locais e organizado por exemplo em grupos de trabalho e acompanhamento. Percebe-se igualmente que os melhores resultados são obtidos quando existe uma participação efetiva das pessoas ciganas em todas as fases do processo, da conceção dos planos até à implementação, monitorização e avaliação dos mesmos.” “Temos procurado trabalhar com associações ciganas locais e promover que as mesmas sejam incluídas nos diferentes grupos de trabalho locais. Por outro lado, o projeto previa o envolvimento de “Roma experts” (dois no caso) quer na mobilização das comunidades ciganas locais, quer na formação e sensibilização sobre história e cultura cigana. Na abordagem bottom-up que os PLICC preconizam, a importância da participação e envolvimento das pessoas ciganas em todas as fases do projeto é abordada sistematicamente com as equipas técnicas dos municípios de modo a que ocorram e que os planos sejam efetivamente construídos com as pes-

soas ciganas, com base nas suas necessidades e expectativas.”

“Sendo a “horizontalidade” um dos principais desafios a ter em consideração na construção dos PLICC, houve e tem havido uma preocupação muito grande em criar as condições e proporcionar momentos de aproximação entre pessoas ciganas e não ciganas, através, por exemplo, de reuniões participativas. Com estas reuniões pretende-se fomentar a reflexão conjunta, o diálogo e a tomada de decisão partilhada entre os decisores políticos, os/as técnicos/as das autarquias, as demais organizações locais e os principais parceiros e pessoas, grupos ou associações representativas das comunidades ciganas.”

“A meu ver é muito importante haver vontade e coragem política para colocar a inclusão das comunidades ciganas como uma prioridade dos municípios. O conhecimento e respeito mútuo entre as pessoas ciganas e uma rede de parcerias já existentes localmente com certeza também proporcionarão um trabalho importante e sustentável. A sustentabilidade dos projetos tem sido um grande desafio que está, também, intimamente ligado à priorização da inclusão das comunidades ciganas a nível local. Creio que tem sido feito um percurso nesse sentido, mas o caminho ainda é longo.”



CARAVANA - ASSINATURAS DE 2022

Assinatura anual: € 9,00

Assinatura de apoio: a sua generosidade

Nome _____ Nº _____ *

Morada _____

Código postal _____

Junto envio a importância de € _____ em

- cheque ou vale de correio à ordem de **Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos**
 - transferência bancária (NIB: 0036 0000 9910 5888 3823 8)
- É favor não passar o cheque à Ordem da Caravana, mas sim da OBRA NACIONAL DA PASTORAL DOS CIGANOS, caso contrário teremos que lhe devolver o cheque. Obrigado.

Data _____ / _____ / 2022

Ass. _____

* É o seu nº de assinante (ver na etiqueta)

DIA INTERNACIONAL DOS ROMA - CIGANOS

No dia 8 de abril, a Secretária de Estado da Igualdade e Migrações, Sara Guerreiro, participou na cerimónia que assinala o Dia Internacional das Pessoas Ciganas, em Torres Vedras. A iniciativa, promovida pelo Município de Torres Vedras, em parceria com o Alto Comissariado para as Migrações (ACM), contou com a intervenção da Alta-Comissária para as Migrações, Sónia Pereira, e da Vice-Presidente da Câmara Municipal Torres Vedras, Ana Umbelino.

Na cerimónia foram assinados os protocolos entre o ACM e seis Associações, no âmbito da 5.ª edição do Programa de Apoio ao Associativismo Cigano (PAAC) que este ano irá apoiar financeiramente 11 projetos.

Decorreram, durante o evento, várias atividades que permitiram comemorar o Dia Internacional das Pessoas Ciganas, entre as quais se destaca a mesa redonda, dedicada à importância do associativismo cigano, que contou com a comunicação do Professor Roque Amaro e com a presença de vários representantes das Associações Ciganas, seguida de uma Interpretação do Hino Cigano pelas Associações MusicÁlareira e Cant'arte. A cerimónia terminou com o hastear da bandeira ROMA.

notícia do ACM



8 de abril na Câmara Municipal de Torres Vedras (CMTV)

Foto: CMTV

No mesmo dia 8 de abril, a FRA (Agência Europeia para os Direitos Fundamentais) apelou para que um tratamento igual seja assegurado para os ciganos que fogem da guerra na Ucrânia e procuram albergar-se na UE. A FRA está preocupada com as acusações de dificuldades e de possível discriminação nas fronteiras da UE (*ver notícia na secção Ciganos são Notícia neste número*). A FRA recomenda que as autoridades tomem as medidas apropriadas e investiguem as queixas, em linha com a lei da UE.

Michael O'Flaherty, Diretor da FRA disse na ocasião que “particularmente para a comunidade cigana, há muito discriminada na Europa, o impacto deste aterrador conflito aumenta a precariedade da sua situação. ... Os países da UE deveriam garantir que os ciganos usufruem dos mesmos direitos

fundamentais do que os outros.” A Eslováquia foi considerada modelar ao informar diariamente o governo sobre a situação na fronteira, no que diz respeito aos ciganos, comunicando com OSCs (organizações da sociedade civil) competentes, traduzindo para Romani informação relevante, providenciando alojamento e transporte para o mesmo, documentação e assistência médica e colocando equipas de apoio nos locais de travessia na fronteira.

ASSOCIATIVISMO CIGANO

Em 25 de março a AMUCIP (Associação para o Desenvolvimento das Mulheres Ciganas Portuguesas), para cuja génese a ONPC contribuiu, passou a ter uma nova sede na Arrentela, Seixal. A inauguração foi presidida pelo Presidente da Câmara do Seixal,

Eng. Joaquim Santos, tendo usado da palavra a Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Drª Rosa Monteiro e a Presidente da AMUCIP, Sónia Ma-



Semana da Interculturalidade de Beja

04 a 10 de abril de 2022

tos. A ONPC participou.

A AMEC (Associação dos Mediadores Ciganos de Portugal), com sede em Beja, esteve muito ativa na Semana da Interculturalidade de Beja 2022, promovida pela EAPN (Rede Europeia Anti-Pobreza) – Núcleo

Distrital de Beja de 4 a 8 de abril, particularmente no dia 8, Dia Internacional dos Roma - Ciganos.

A HOSPITALIDADE MÚTUA, CCIT

De 22 a 24 de abril realizou-se o Encontro anual do CCIT (Comité Católico Internacional para os Ciganos) na abadia de St. Ottilien, Baviera, Alemanha. O tema do encontro foi “A hospitalidade mútua”.

O Cardeal Michael Czerny S.J., Prefeito *ad interim* do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, na sua mensagem aos participantes no Encontro, afirmou: desejo exprimir a cada um e a cada uma a gratidão do Papa e a de toda a Igreja por terdes escolhido estar entre irmãos e irmãs que, infelizmente, fazem parte dos últimos, dos marginalizados de longa data nas nossas sociedades ditas avançadas. O tempo do COVID talvez tenha posto mais em relevo o grau de marginalização, ou mesmo de esquecimento, ou ainda a função de bode expiatório destas comunidades que pagaram um preço muito elevado em todos os lugares onde estão. É por isso que desejo unir-me a estes agradecimentos, porque o cuidado pastoral pelos ciganos é uma preocupação que temos a peito no Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral ao qual presido, e não apenas por isso é mencionado na nova Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*.”

“O Papa Francisco recorda-nos que esta opção pelos últimos decorre do timbre trinitário que transforma o cosmos num entrelaçado de relações, o que torna propícia uma espiritualidade do acolhimento e da solidariedade global no diálogo (cf. *Veritatis Gaudium*, 4 (a)). De facto, o caminho da hospitalidade não deixa ninguém para trás, porque acontece no interior de um povo, não é um caminho solitário. Esta perspetiva de vida abre-se naturalmente ao próximo.”

“O CCIT vive a dimensão da espiritualidade do acolhimento, que permite construir uma relação de amizade baseada num verdadeiro intercâmbio, em pé de igualdade entre Ciganos e Gadgê. Esforça-se por manifestar e por viver a mensagem do Evangelho que encoraja a acolher os outros, sobretudo aqueles que são os mais frágeis na sociedade, como “encarnações vivas de Cristo”. Os seus membros esforçam-se por

construir pontes entre dois mundos culturais diferentes, na tentativa de construir uma comunidade em que a hospitalidade e a fraternidade cristãs universais que são proclamadas se tornem verdadeiramente realidade. Isso exige também que as comunidades de fiéis pratiquem diferentes formas de hospitalidade e de acolhimento para com os ciganos que chegam.”

Na homilia de Sábado, o Bispo Dr. Mathias Herinric disse: “No que diz respeito aos ciganos, existem numerosas imagens e representações que estão profundamente enraizadas nas nossas sociedades, que demasiado frequentemente se tornaram preconceitos e que causaram danos terríveis na nossa história.

Devemos lutar sempre e em todo o lado contra estas imagens negativas e contra estes preconceitos. É por isso que a regra também aqui se aplica: não deves conceber uma imagem - sobretudo uma imagem falsa - mas deves deixar-te ir ao encontro do que de início parece estrangeiro ou estranho.

É por isso que temos necessidade de uma cultura da hospitalidade que se abra verdadeiramente ao outro, que o aceite e o respeite precisamente na sua diferença.”

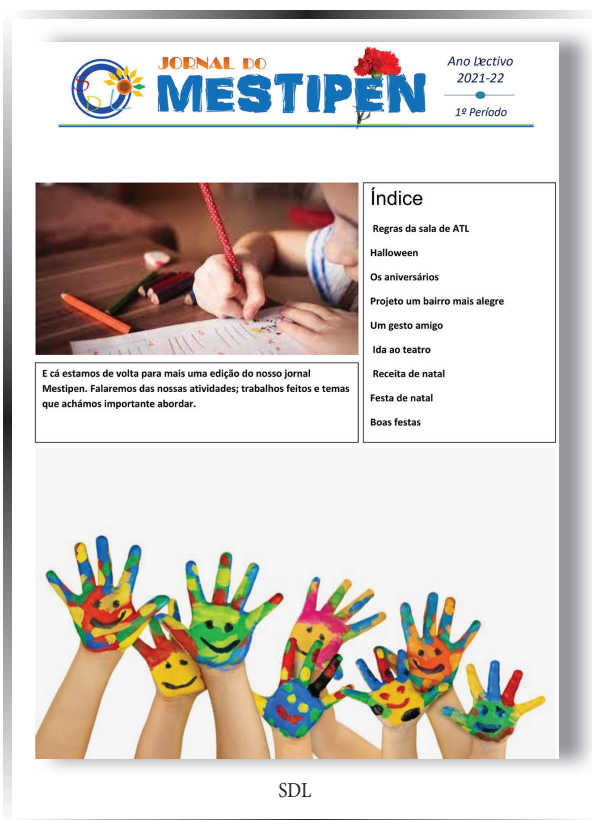
Na conferência principal, intitulada “Somos Ciganos e estamos sedentos de hospitalidade”, Mons.

Bruno-Marie Duffe, Secretário-Geral do Dicastério (Vaticano) para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral (2017 – 2021) disse:

“Acolher, proteger, promover, integrar”

Estes quatro verbos que se tornaram famosos no ensino do Papa Francisco, a partir da sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, no 1º de janeiro de 2018, sobre o desafio da fraternidade relativamente aos imigrantes, chamam-nos a desenvolver aquilo a que se poderia chamar uma missão de hospitalidade, de viver entre nós, com aqueles que vêm bater à nossa porta e com aqueles que nos pedem asilo e proteção. Mas, compreendemo-lo bem: estes quatro verbos podem

(Continua na pág. 5)



A HOSPITALIDADE MÚTUA, CCIT

(Continuação da pág. 4)

e devem declinar-se e ser vividos de forma recíproca: acolher-se, proteger-se mutuamente, encorajar-se e integrar-se uns com os outros, numa comunidade que se tece, de geração em geração, como um grande manto para cobrir os ombros daqueles que têm frio.

A hospitalidade, na sua forma acabada – que é a forma última da caridade – introduz-nos numa relação de aliança que honra a dignidade do outro e se repercute em nós, na estima por nós próprios. Quando abro os braços e a inteligência, abrem-se diante de mim braços e uma outra inteligência. Assim, o acolhimento não consiste em mostrar ao outro que somos bons “para ele”, mas em viver “com ele”, uma consideração na qual ele me revela a mim mesmo e me mostra quem nós somos, um e o outro. Trata-se, portanto, de viver um COM, mais do que um PARA e um NÓS maior do que um EU. Descobrir o que o outro leva nele, mais do que lhe mostrar o que nós próprios levamos. De facto, o outro oferece-nos a chave da compreensão do amor ao qual aspiramos e que não se vive plenamente senão na partilha. Tu trazes-me o que me falta e, na nossa partilha, o nosso pão e a nossa humanidade ganham um gosto e um sabor novos.

Ao descrever a situação dos ciganos na Alema-

nia, o Diretor Nacional da Pastoral dos Ciganos, P. Jan Opiela que organizou o acolhimento do Encontro, disse que a estrutura da Pastoral para toda a Alemanha que abrange 27 dioceses é de um bispo, um diretor nacional, cinco encarregados de missão para seis dioceses, e um funcionário que é também ponto

de contacto e secretário. As principais atividades são participar em “jornadas católicas”, estar presente nas escolas e centros comunitários, dar a conhecer a vida e a cultura dos Roma (ciganos), estar próximo das pessoas, acompanhá-las nas suas situações pessoais, sejam elas quais forem. Com o afluxo de refugiados, muitos Roma de países de fora da União Europeia vi-



Acampamento cigano nómada compulsivo em Évora

(foto de Maeve Stam)

ram as suas hipóteses [de integração] desaparecerem, tanto mais que os procedimentos de identificação duram anos, o que de modo nenhum favorece a integração e o incentivo à educação, e que, pelo contrário, leva alguns a aproveitarem-se disso para ganhar dinheiro ilegalmente. No entanto, trabalhadores migrantes vindos da Roménia e da Bulgária, que fazem parte da União Europeia, conseguiram integrar-se no mercado de trabalho na Alemanha. Por exemplo, a cigana Nizaquete (Niza) Balimi, nascida em 1979, chegou com os seus pais à Alemanha com 14 anos, como sobrevivente do Kosovo; desde 2014, trabalha como advogada.

Editorial

(Continuação da pág. 1)

formular um especial reconhecimento à Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade (entretanto extinta) por, recentemente, ter evitado que (mais) uma família cigana fosse desalojada coercivamente do acampamento em que sobrevivia. Infelizmente o destino desta família não foi um realojamento, mas continuar à deriva, de terra em terra de expulsão em expulsão, até que um legislador verdadeiramen-

te humano decida revogar as posturas municipais que dão cobertura legal às Câmaras que querem ganhar votos à custa da desumanidade de franjas da nossa população e às forças da ordem a quem, não duvido, individualmente, repugnará cumprir tais ordens, mas que se sentirão obrigadas a cumpri-las. No caso descrito, a Secretaria de Estado conseguiu que prevalecesse a humanidade, para não dizer o direito.

Francisco Monteiro

CIGANOS SÃO NOTÍCIA

Nascer do SOL (9 abr)

PR pede reconhecimento dos ciganos

“O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, assinalou na sexta-feira (8 de abril) o Dia Internacional das Comunidades Ciganas apelando à ‘**necessidade urgente**’ de reconhecimento do lugar daquela comunidade na sociedade e à mitigação da ‘**pobreza, exclusão e preconceito**’ que a atingem. ‘**Seremos um país mais justo, quando nenhum entre nós se vir excluído em razão da comunidade, da etnia, da cultura e que pertence**’, lê-se na mensagem publicada no site oficial da Presidência da República.”

UNION ROMANI - Union del Pueblo Romani (15 mar)

Refugiados ciganos que fogem da Ucrânia são maltratados

“Homens e mulheres ciganos são agredidos fisicamente nos controles fronteiriços e nos procedimentos para os refugiados. Uma mulher cigana que chegou à Moldávia disse que ela e a sua família passaram quatro dias à espera na fronteira sem comida nem água e que depois de encontrarem um abrigo, foram expulsos pelos próprios guardas ucranianos.”

Ao chegar às fronteiras dos estados vizinhos, os ciganos encontram uma discriminação “brutal” em ambos os lados das fronteiras do país. Diversos grupos de defesa dos direitos humanos estão a fazer apelos veementes.

Zeljko Jovanovic (ZJ), líder cigano que dirige a Oficina de Iniciativas Ciganas, que tem como objetivo fortalecer as vozes e a liderança dos ciganos, bem como melhorar as políticas públicas e os serviços prestados aos ciganos, tornou-se o informador de referência para conhecer a situação em que os ciganos ucranianos se encontram. ZJ que anteriormente trabalhou para a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE), relata que grupos que trabalham no terreno nas fronteiras da Eslováquia, Roménia e Hungria confirmam

a dura discriminação que as famílias ciganas sofrem, o que tem sido confirmado pelos meios de comunicação social. Os ciganos são maltratados tanto pelos guardas fronteiriços, como pela população local, a partir do momento em que saem da Ucrânia.

Há organizações que residem nos países fronteiriços com a Ucrânia, que estão a realizar um trabalho extraordinário acolhendo as famílias ciganas que tentam sair do inferno da guerra. A Ucrânia é um país que faz fronteira com sete países: ao norte e leste com a Rússia (a maior fronteira), a norte, também com a Bielorrússia, a oeste com a Polónia e a Eslováquia e a sudoeste com a Roménia, Hungria e Moldávia. A população cigana destes países ultrapassa cinco milhões de pessoas.

O Centro Europeu dos Direitos dos Ciganos (ERRC) confirma a afirmação de ZJ de que “os ciganos são sempre os últimos a deixar o país”.

Béla Rácz, membro da Conferência Permanente Cigana, uma organização húngara de debate e ideias, que se ocupa dos ciganos da Hungria, disse que na

cidade fronteira de Zahony, no leste do país, os ciganos foram vítimas da falta de consideração tanto

da polícia ucraniana como da húngara. Os refugiados chegaram à fronteira em diferentes autocarros: num vinham os ciganos e noutra os “gadchés”. E acrescenta que “as mães ciganas foram controladas pela polícia húngara muitas vezes, enquanto que as mães não ciganas não”.

Jaroslav Miko que dirige uma ONG que transportou mais de 100 refugiados ciganos da fronteira entre a Ucrânia e a Eslováquia para a República Checa, disse ter visto “discriminação contra os ciganos entre os voluntários que iam recolher pessoas na fronteira”. Declarou, por ex., que os voluntários recolhiam alguns refugiados em viaturas e levavam-nos para outros locais, mas que se recusavam a prestar assistência às famílias ciganas. O Inter Press Service (IPS), uma agência mundial de notícias, confirmou a marginalização que os refugiados ciganos sofrem.

(Continua na pág. 7)



CIGANOS SÃO NOTÍCIA

(Continuação da pág. 6)

Segundo ZJ, há uma rede de grupos ativistas ciganos que coordenam o trabalho para ajudar os refugiados, e também há presidentes da câmara ciganos em muitas cidades próximas das fronteiras da Roménia e da Eslováquia que estão dispostos a acolher os refugiados ciganos e a organizar o seu alojamento.

E em Espanha existem várias organizações ciganas que mobilizaram os seus recursos para levar roupas e alimentos até à fronteira da Polónia com a Ucrânia e para trazer para Espanha famílias que as queiram acompanhar.

Que Devel les diñele buter latchó bají. (Em kaló: “que Deus lhes dê muitíssima sorte).

Partilha-se um link onde se pode ver uma expedição de ciganos espanhóis que foram ajudar as famílias ciganas refugiadas da Ucrânia.

<https://www.youtube.com/watch?v=MUdVIKpU-9kY&t=5s>

* não ciganos

Juan de Dios Ramírez-Heredia Montoya
Advogado e jornalista

Newsletter da Union Romani - Barcelona (23 jan)

Censo eslovaco: mais de 156.000 pessoas declararam ser de nacionalidade cigana, e mais de 100.000 declararam ter o Romani como língua materna

A Eslováquia e a República Checa separaram-se em 1993. A Eslováquia tornou-se membro da União Europeia em 2004 e tem 5,5 milhões de habitantes, 500.000 dos quais são ciganos; destes, 7.000 vivem no distrito de Lunik IX, na cidade eslovaca de Koice, considerado um verdadeiro gueto na Europa e que ficaram sem ver o Papa Francisco quando em setembro do ano passado Francisco os foi visitar. As autoridades só permitiram que um pequeno grupo de ciganos fosse colocado na primeira fila em fren-

te ao pontífice, tendo os restantes sido obrigados a permanecer em suas casas.

Infelizmente, quem sofre as principais consequências do racismo sofrido pelos ciganos na Eslováquia são as crianças 20% das quais estão em situação de pobreza extrema. A Amnistia Internacional já denunciou que em áreas com uma grande população cigana, pelo menos três em cada quatro menores ciganos frequentam escolas para alunos com “deficiência mental leve”. Em todo o país, as crianças ciganas são 85% dos alunos que frequentam o ensino especial.



A discriminação e a segregação nas escolas eslovacas limitam brutalmente as oportunidades para o futuro das crianças e impedem que a população cigana participe plenamente na sociedade eslovaca, isolando-a num círculo de pobreza e de marginalização.

Quando as autoridades eslovacas realizaram no ano

passado o censo da sua população, permitiram que os inscritos indicassem, no formulário, que pertenciam até duas nacionalidades, o que ocasionou uma grave controvérsia, especialmente entre os grupos pertencentes a minorias étnicas. Em 5,2 milhões que responderam à pergunta sobre a nacionalidade, os húngaros ficaram em primeiro lugar, logo seguidos dos que se declararam ciganos.

Perto de 82% dos inquiridos disseram que o eslovaco é a sua língua materna. Em segundo lugar, um total de 100.526 inquiridos no censo referido mencionou o Romani como a sua língua materna.

O autor do artigo conclui que apesar de tudo os ciganos têm orgulho de ser ciganos e que o Romani se afirma como a língua universal dos ciganos.

Juan de Dios Ramírez-Heredia Montoya
Advogado y jornalista

(Continua na pág. 8)

(Continuação da pág. 7)

Ecclesia (13 jan)

Portugal: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos alerta para «abismo» dos «sem-abrigo»

Francisco Monteiro denuncia problema do acesso à habitação nesta comunidade

A Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos (ONPC), organismo da Conferência Episcopal Portuguesa, alertou para o “abismo” que está na “miséria absoluta” dos sem-abrigo desta comunidade, exemplificando com “nómadas compulsivos” em Évora a quem é negado o acesso à habitação.

“Apesar de terem todos os seus laços sociais institucionais – escolas, saúde, segurança social – em Évora, onde são naturais, é-lhes negado por este município o direito e inscrever-se na lista de futuros potenciais candidatos a uma habitação condigna, porque ‘não são de cá’” afirma Francisco Monteiro (FM), diretor-executivo da ONPC, no editorial do jornal ‘A CARAVANA’.

FM alerta para que os “ciganos nómadas compulsivos” nos arredores de Évora “são periódica e sistematicamente escuraçados de município em município”, como se não tivessem direito a viver, “a ser portugueses, a ter direitos sequer”.

“O abismo está na miséria absoluta destes sem abrigo, não por pobreza apenas, mas por uma intencional exclusão étnica”, refere FM que considera que se fossem imigrantes, refugiados, o enquadramento, as simpatias, os apoios oficiais, políticos e, “sobretudo, factuais seriam completamente outros, e ainda bem”.

O abismo é o “menosprezo” de mais de uma centena de portugueses, a lentidão, as hesitações, as elucubrações políticas, técnicas, legislativas, estra-

tégicas ou de imagem cujos resultados são “a continuação por décadas do sofrimento, da miséria, da injustiça, da exclusão”.

No âmbito do movimento de realojamento de milhares de pessoas em Portugal pondo fim às barracas*, FM recorda que também uma Câmara Municipal “decidiu realojar os ciganos” na mesma cidade e a isso chama-se “decisão, consciência social”, e questiona para quando essa forma de “governar a

nível nacional, regional e local”.

* São mencionados um Governo e a Câmara de um Conselho no que se refere à substituição de barracas por realojamento (NR).



Correio da Manhã (13 jan)

Noticia a frase “Há miséria nos sem-abrigo de etnia cigana, não por pobreza apenas, mas

por uma intencional exclusão étnica”, citando o autor do editorial da Caravana nº 103.

FICHA TÉCNICA

a caravana

Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

Propriedade e Editor: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

QUINTA DO BOM PASTOR, EST. DA BURACA, 8/12, 1549-025 LISBOA

TEL. 21 885 5468 - FAX 21 584 9514

Contribuinte N.º 501660054

Email: pastoralciganos@ecclesia.pt Internet: www.ecclesia.pt/pnciganos

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 800 exs.

Paginação: Paulo Nunes - Tlm. 934207548

Impressão: OCPM

Isento de registo na ERC ao abrigo da alª a) do nº 1 do artº 12 do D.R. 8/99 de 9/6, com as alterações introduzidas pelo D.R. 2/09 de 27/01.